

A breve história de Ameli

A menina que foi pela primeira vez à escola, no dia 7 de outubro, de 1950.

Ela vinha de uma família muito pobre, mas sua mãe fez questão de lhe vestir o seu único vestido domingueiro, porque entendeu que este seria um dos dias mais importantes na vida da sua filha. A mãe pensou que, pelo menos nesse dia, ela tinha de ir muito bonita e por isso vestiu-lhe o seu melhor vestido e penteou-a com um lindo laço branco no cabelo, como fazia todos os domingos, para levá-la à missa na aldeia, que ficava perto da fazenda onde Ameli nasceu e cresceu.

Como era hábito, a mãe foi levá-la nesse primeiro dia, para lhe ensinar o caminho, pois de sua casa até à escola distavam 5 longos quilómetros por estrada de macadame. Não foi nada fácil. Ameli chegou muito acanhada e ansiosa, porque não conhecia ninguém. Para ela, tudo era novidade. As meninas da vila eram tão desinibidas e ela tão envergonhada.

Ameli nunca tinha saído da fazenda onde fora criada com a liberdade duma corça. Aquele era o seu mundo. Mas Ameli também convivia com muitas pessoas, que eram os trabalhadores da fazenda. Crianças não havia, eram só ela e a sua irmãzinha mais nova.

Ameli superou o impacto do primeiro dia e integrou-se bem no ambiente escolar, muito diferente daquele a que estava habituada. Má era a distância a que ficava a escola mas, semanas depois, já fazia o caminho com facilidade.

Ela queria mesmo era ir à escola aprender a ler e a escrever. Logo no dia da apresentação a professora simpatizou com ela. Talvez por ser a mais patusca, ou a mais pequena, ou por ter ares de pobrezinha? Nunca soube. Talvez fosse pelos seus olhitos curiosos.

Sentou-a na carteira da frente junto das meninas mais proeminentes da classe: uma era filha de professores, outra de um rico comerciante, outra

era filha de um executivo da Câmara Municipal, etc., etc., e Ameli sentia-se inferior por ser pobre e andar malvestida.

Mesmo assim, as suas coleguinhas que tinham vivências muito diferentes das suas, nunca a marginalizaram, mas falavam de coisas que ela não entendia. Ameli ouvia-as com toda a atenção. Um dia, uma dessas meninas de bem, que se chamava Pilofa e que chegava todos os dias à escola acompanhada da criada fardada e de avental branco, levou-a a sua casa e deu-lhe umas sandálias e alguns vestidos, o que Ameli agradeceu, pois eram coisas bem melhores do que as suas.

À noite, sentada à lareira com a sua gatinha parda no colo, ela queixava-se: “Ó mãe as meninas da vila contam tantas coisas, mas eu não as percebo. Elas falam do Virgínia, da praça onde brincam à noite quando faz calor, dos pastéis de nata da Abidis e falam também de que há dias em que andam tropas a cavalo, pelas ruas da vila, enfim, falam, falam, eu não sei do que falam, mas vou ouvindo na mesma.”

A mãe ouviu a sua menina, com atenção, e então disse:

“Elas sabem muitas coisas, mas não sabem o que tu sabes. Conta-lhes o que aprendeste aqui na fazenda até ao dia em que foste para escola.”

À noite, Ameli, enroscada no seu cobertor, pensou no que a mãe lhe dissera e daí em diante passou, também a contar histórias às suas coleguinhas.

Passou, então, a contar as suas vivências na fazenda. Ela tinha só 7 anos e ainda não sabia a ler nem escrever, mas falar, aí sim, ela era uma palradeira nata.

Então, começou a contar o dia a dia na fazenda. Contava como se fazia o vinho e de onde vinham as uvas para o fazer. Sabia tudo, porque acompanhava todo o processo das vinhas desde a poda até as vindimas.

Ela morava paredes meias com a adega e via chegar aos lagares carros de bois com enormes dornas cheias de luzidias uvas, depois via os homens dias seguidos a pisá-las para fazer o vinho.

Ameli também contava que beber vinho em abundância punha as pessoas a cantar, era isso que acontecia ao senhor João da Rosa, enquanto pisava uvas cantava o fado e ela gostava muito de o ouvir.

Por vezes, o seu pai também chegava a casa a cantar e logo sua mãe dizia: “Olhem, hoje bebeu demais, não peguem com ele.”

Ameli também contava de onde vinha a farinha com que a sua mãe fazia o pão todas as semanas, porque via semear, crescer e amadurecer o trigo e o milho. Via, também, chegar à fazenda um rancho de pessoas que vinha ceifar o trigo e via, depois, na eira, uma máquina gigante que o engolia. Ficava pasmada por ver como ele saía tão limpinho daquelas bocarras a despejarem para os sacos de serapilheira. Depois, era levado para o moinho onde sua mãe ia comprar a farinha. Descrevia, também, às amigas, como a sua mãe amassava a farinha que, depois de levedar, moldava nuns pães maravilhosos que iam a cozer num enorme forno de lenha pré- aquecido. Era dia de festa quando havia pão fresco, pois que cada cozedura era para uma semana.

As suas colegas contavam-lhe que na vila era o padeiro que trazia pão fresco diariamente.

Foi com histórias destas que Ameli conquistou a admiração das suas amiguinhas, elas não sabiam nada destas coisas. Afinal, ela não é assim tão parola, pensaram elas. Até a professora, por vezes, se interessava pelas histórias que Ameli contava.

Mas ela sabia mais histórias, sabia a dos figos e contava todas as voltas que eles levavam até poderem ser chamados de figos secos. Sabia a das abóboras que cresciam todos os dias e ficavam gordas e amarelas espalhadas pelo campo. Com elas faziam-se os fritos de Natal e outros doces.

Também contava como nasciam os pintainhos, que sempre achou esquisito saírem de dentro de um ovo. Contava, ainda, como era a matança do porco, e como era terrível para haver uma festa em casa ser preciso matar o porco.

Ela sabia muitas mais histórias. Contava, também, como ia ajudar o seu amiguinho João Maria, que morava do outro lado da ribeira, a espantar os pássaros do cânhamo. Elas gostavam desta história porque Ameli sempre lhes contava como era o grito que lançavam ao ar para espantar os pássaros. Depois, descrevia como eram lindos quando levantavam em bando de dentro da seara de cânhamo. Divagava, também, sobre os patos no ribeiro e os milhafres que apareciam a planar esperando vir ao chão buscar um pintainho, não fora a galinha mãe fugir com eles para o refúgio da capoeira e falava do cão Farrusco que não lhes perdia um passo.

Ela até sabia que o cânhamo servia para fazer cordas para atar as cargas nas carroças, nos carros de bois e até nos barcos. Com sete anos, Ameli sabia todas estas coisas, porque ouvia todos os dias as conversas dos trabalhadores do campo.

Assim se passou o primeiro ano escolar. Ameli voltou para a fazenda e feliz da vida passou as férias grandes a cabriolar pela fazenda, no meio do pessoal que por ali andava nos trabalhos do campo.

Um dia lembrou-se que queria ganhar dinheiro e foi pedir ao capataz se podia também ir apanhar figos. Ele olhou para ela de soslaio e respondeu-lhe: “Ó cachopa, vai-te, mas é, acabar de criar!”

No dia 7 de outubro, estavam todas de volta à escola e com saudades. Traziam, de novo, muitas coisas para contar. Idas às compras, estadias na praia e muitas coisas mais. Ameli continuava a contar novas experiências na fazenda que agora fazia questão de assimilar melhor, para poder contar às amigas, com todos os detalhes. Só que, desta vez, tinha uma história diferente, porque a sua mãe tinha-a levado à feira e tinha passado um dia muito alegre e divertido. Andou de carrossel e a mãe comprara-lhe uma boneca de papelão.

E assim passaram mais 3 anos, sem sobressaltos.

Ameli foi sempre uma das melhores alunas da turma. Houve sempre muitas histórias para partilhar, umas do campo outras da vila, histórias muito interessantes, que aliadas aos ensinamentos da professora prepararam

aquela turma de meninas para voos futuros. Quanto a Ameli, já nem se notava que tinha nascido e crescido longe da civilização.

Depois do exame da quarta classe, despediu-se das amigas e da professora e voltou para a fazenda. Ia muito mais rica, pois sabia ler e escrever, conhecia a vila, descobriu os lugares dos quais as amigas falavam, mas também voltava triste por não poder continuar com elas. Levou muitos livros consigo, alguns foram-lhe oferecidos pela sua professora. Ainda hoje, 70 anos volvidos, Ameli se lembra que no exame da quarta classe, leu um texto do livro *Finalmente* intitulada *AS CATARATAS DO RUACANÁ* e que as suas histórias foram muitas vezes tema para as redações de toda a turma.

Maria do Rosário Rodrigues